



A circulação da “fala de Jair Bolsonaro”: o mapa rizomático de um acontecimento na sociedade em vias de mediatização¹ **The circulation of the “Jair Bolsonaro talk”: the rizomatic map of an event in a society in mediatization process**

Diosana Frigo²

Palavras-chave: acontecimento; circulação; Jair Bolsonaro; mediatização; rizoma.

No dia 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados do Brasil aprovou a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff à Presidência da República. Com o posicionamento dos 513 parlamentares, Dilma foi afastada do seu cargo com 367 votos favoráveis, 137 contra, 7 abstenções e 2 ausências (PORTAL PLANALTO, 2016). Durante a fala dos deputados, para justificar o voto sobre o crime de responsabilidade fiscal que embasou o pedido de *impeachment*, um dos casos mais polêmicos foi o do deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Cristão (PSC), que em seu um minuto de fala, afirmou:

[...] perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas nossas forças armadas,

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Mestranda na linha de pesquisa Mídia e Estratégias Comunicacionais no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM), integrante do grupo de pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais. Formada em Comunicação Social - Hab. Jornalismo pela UFSM e em Ciências Econômicas pela mesma instituição. diosanafrigo@gmail.com



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (BOLSONARO, 2016).

Como ponto de partida, vale ressaltar que situamos a fala de Jair Bolsonaro como um acontecimento que mobiliza sentidos sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), sendo o período da ditadura considerado um macroacontecimento, de acordo com Berger (2011). Assim, entendemos que um acontecimento não está somente inscrito na ordem do que ocorre, mas, conforme proposto por Quéré (2005), de quando ele acontece e afeta a sociedade. Segundo o autor, há um poder de revelação do acontecimento: o passado e o seu contexto de inserção são compreendidos em função dos novos sentidos possibilitados por ele.

Dito isso, o acontecimento é o “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008, p. 17) e a fala de Jair Bolsonaro revela um passado e abre possibilidades de futuros, sendo que ambas temporalidades, como vimos, contribuem para a própria constituição do acontecimento. França e Lopes (2016, p. 6), por sua vez, sinalizam que o acontecimento “faz emergir sentidos, discursos e simbolizações na busca de compreendê-lo, defini-lo, apreendê-lo e narrá-lo”, ainda, as pesquisadoras também apontam para a “movimentação de temporalidades”. Assim, corroboramos com França e Lopes (2016, p. 7) ao salientarem que “o acontecimento oferece ricos elementos teóricos para pesquisas que buscam indagar sobre os sentidos sociais produzidos e que circulam a partir de determinada ocorrência”.

Além disso, interpretamos que o *impeachment* e conseqüentemente a fala do deputado Bolsonaro está dada no cenário da midiatização, onde diversas lógicas ultrapassam o controle da produção jornalística assim como na recepção faz-se seguir adiante aquilo que se recebeu. Fausto Neto (2008) avalia que a midiatização não está situada somente nas tecnologias, mas na sua transformação em meios e nas apropriações das técnicas e lógicas midiáticas, tanto por produtores como pelos receptores de discursos. A partir dos novos vínculos entre essas estruturas, ambas tornam-se operadoras de sentidos na extensão da organização social, característica que era



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

relacionada anteriormente apenas à produção. “A expansão da mediatização como um ambiente”, conforme Fausto Neto (2008, p. 93), propicia a todos estar no mesmo patamar, ou seja, produtores e receptores podem participar ativamente da narrativa dos acontecimentos. Por isso, para Braga (2012, p. 39), o importante é que o receptor “faz seguir adiante as reações ao que recebe”, desse modo, há um “fluxo adiante”. Braga (2012) salienta que isso acontece de várias formas, uma delas é a circulação manifestada nas redes sociais.

Considerando que o discurso de Jair Bolsonaro ocorre no contexto da mediatização, questionamos no artigo como se dá a circulação do acontecimento a “fala de Jair Bolsonaro”. O objetivo é mapear a circulação desse acontecimento nos portais digitais de notícias e redes sociais *online* logo após o pronunciamento do parlamentar na sessão da Câmara. Para tanto, procedemos ao rizoma de Deleuze e Guattari (1995), pois partimos do pressuposto que a construção de um mapa rizomático aproxima-se da processualidade comunicacional da circulação na sociedade em vias de mediatização. Assim, alicerçamo-nos em Kastrup (2007) na utilização das técnicas metodológicas da cartografia (rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento) para a coleta de dados e, então, apresentamos o rizoma inicial da circulação da “fala de Jair Bolsonaro”.

Para Deleuze e Guattari (1995, p. 10), seja em um livro ou “em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação”. Assim é como percebemos a circulação dada na mediatização e, portanto, a circulação da “fala de Jair Bolsonaro”, a partir de linhas que se articulam e linhas de fuga, com movimentos que ora permanecem, ora se desterritorializam e outras vezes multiplicam-se.

Para elucidar a nossa abordagem, nos arriscamos a olhar o processo de circulação analogamente ao que Deleuze e Guattari (1995, p. 12) consideram como raiz pivotante, já que quando se têm raízes pivotantes ao invés de uma árvore-raiz, as raízes – por serem pivotantes – constituem-se por “ramificação mais numerosa, lateral e circular, não dicotômica”. Mais uma vez, é assim o processo que se dá na circulação: de



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

forma múltipla, com linhas de articulação, sem necessariamente haver um início ou um fim, pois cada vez que um receptor recebe tal acontecimento, por exemplo, passa adiante através do seu entendimento sobre os sentidos postos, ou seja, ramifica-se o que recebeu, fugindo da lógica binária que poderia ser considerada a árvore-raiz na relação produção-recepção no processo comunicacional.

Assim, não nos cabe fixar nossas análises de forma linear para algo tão complexo. É certo que se abordássemos a “fala de Jair Bolsonaro” apenas no âmbito da produção também teríamos uma multiplicidade inerente, contudo, estaria condicionada a uma única direção e quando “uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 13). Dessa forma, perderíamos a riqueza processual e circular da “fala”, além de negligenciarmos as transformações tecnológicas, sociais e comunicacionais tangenciadas atualmente pelo meio digital. Mesmo assim, vale dizer que, esse sistema fasciculado ao qual nos referimos não rompe com o dualismo posto, ele existe, assim como existem receptores e produtores no campo midiático, só que na concepção rizomática, podemos dizer que são constantemente tencionados, permitindo que novas formas ou raízes axiais multipliquem-se a partir da sua própria extensão.

Destarte, nos interessa o rizoma de Deleuze e Guattari (1995) não no sentido de mera crítica às estruturas, conforme poderíamos apontar para a lógica binária entre produtor e receptor na sociedade dos meios, entretanto, assim como relatam os autores, a importância é vista pelo fato de que devemos pensar o mundo para além das estruturas e de forma dialética, a partir dos seus processos e das suas transformações, para nós, vale ressaltar, especialmente no campo midiático. Dito isso, não nos cabe a estrutura dicotômica produção-recepção se partimos do pressuposto que estamos em uma sociedade em vias de mediação, em que a circulação de sentidos ultrapassa a lógica polarizada antes referida. Não há como analisarmos nosso objeto de pesquisa, que é a circulação do acontecimento da fala de Jair Bolsonaro, sem olharmos para a sua própria



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

complexidade, o que nos aproxima de um mapa rizomático sugerido por Deleuze e Guattari (1995).

Tendo isso vista, necessitamos investigar a complexidade do todo, ou seja, o que a partir da “fala de Jair Bolsonaro” passa a vibrar depois, o que a fala dele suscita e como esses sentidos circulam, quais as conexões que podem ser feitas na circulação inclusive com aquilo que parecia disperso ou óbvio. Desse modo, vamos conectando as partes até chegarmos ao mapa da circulação da “fala”. Entretanto, frisamos que o rizoma não é uma estrutura fechada em si mesma, assim como percebemos a circulação de sentidos na sociedade em processo de mediação.

Dessa maneira, não pretendemos esgotar no artigo o mapa rizomático da circulação da “fala de Jair Bolsonaro”, até porque nossa atenção não se volta para o produto final, mas, ao processo em si, o que nos permite confirmar que a construção do rizoma não é um modelo dado, já que um mapa está sempre produzindo tramas. É um processo que estende, rompe e reorganiza. No entanto, assumimos com Deleuze e Guattari (1995) que é tarefa difícil nos desvincularmos da visão binária e perceber os enlaces ao invés dos pontos iniciais ou finais. Assim, para respondermos como circulou a “fala de Jair Bolsonaro” a partir da construção inicial do mapa rizomático, direcionamos nosso olhar para as possíveis linhas de fuga, linhas segmentárias e platôs que formam agenciamentos, identificados posteriormente à coleta de dados.

Com a intenção de deixar nosso objeto de pesquisa falar e a fim de delinear o objeto ao invés de recortá-lo ou guardá-los em caixinhas pré-estabelecidas, tencionamos, nessa processualidade, as reflexões teóricas com as análises empíricas inferidas. Sendo assim, no artigo, após discutirmos o acontecimento a “fala de Jair Bolsonaro” e a circulação de sentidos na mediação, bem como o que consideramos como circulação rizomática, fez-se pertinente detalhar a pesquisa exploratória realizada e ancorada nas técnicas metodológicas da cartografia. Foi assim que entramos no que podemos chamar de campo do *impeachment* de Dilma Rousseff ou de forma mais específica, inserimo-nos na votação da Câmara dos Deputados que abriu o processo de



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

impedimento, sem ainda reconhecer o alvo a ser seguido. Na busca de pistas e signos de precessualidade, adentramos na mídia *online* e na imprensa em um primeiro momento, após avançarmos nos procedimentos metodológicos alicerçados nos conceitos debatidos, chegamos à coleta de dados atual e que se refere aos portais digitais de notícias e as redes sociais *online*.

Desse ponto, apresentamos o mapa rizomático da “fala de Jair Bolsonaro”, descritivo e visual, com as linhas de fuga, as linhas segmentárias e os platôs que vibram incessantemente, às vezes ofuscando outros, criando e reorganizando novos agenciamentos. Observamos que a circulação da “fala de Jair Bolsonaro” na sociedade em processo de midiatização é construída conforme o receptor passa adiante aquilo que recebeu, interferindo na forma como os portais de notícias operam os sentidos sociais na narração dos acontecimentos. Na nova ambiência do processo comunicacional, a circulação da “fala” não se dá de forma estanque, isto é, pode ser transformada conforme surjam novas simbolizações ou sentidos. Sendo assim, destaca-se o papel das redes sociais na circulação de sentidos e no enquadramento dos acontecimentos, no caso analisado especialmente no que tange à memória da ditadura civil-militar brasileira.

Referências bibliográficas

BERGER, C. Trajetória de vida e acontecimento: Simonal na ditadura. In: VAZ, P.B. (org.). *Jornalismo e acontecimento: percursos metodológicos*. v. 2. Florianópolis: Insular, 2011.

BOLSONARO, J.M. 2016. Câmara dos Deputados do Brasil. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/#>. Acesso em: 24/08/2017.

BRAGA, J.L. Circuitos versus Campos Sociais. In: JACKS, N. (Org.). *Mediação e midiatização*. Salvador: EDUFBA, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução. In: *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. v. 1. Editora 34, 1ª Ed, 1995.



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma “analítica” da mediatização. *Revista Matrizes*. São Paulo: ECA/USP, ano 1, n. 1, 2008, p. 89-105.

FRANÇA, V.V.; LOPES, S.C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *In: Encontro Anual da Compós, XXV, Goiânia. Anais...* 2016.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre, Sulina, 2007.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento.* Campinas, Pontes Editores, 5ª Ed, 2008.

PLANALTO, P. 2016. Michel Temer assume definitivamente a presidência e toma posse nesta quinta, 31. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2016/08/michel-temer-assume-definitivamente-a-presidencia-e-toma-posse-nesta-quarta-31>. Acesso em: 13/09/2017.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento, *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6. 2005, p. 59-75.